



4734 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT09 - Trabalho e Educação

JUVENTUDE PESCADORA DE CAMETÁ-PA: QUESTÕES CONCEITUAIS, DE CLASSE E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DO SER JOVEM NA AMAZONIA

Adenil Alves Rodrigues - UFPA - Universidade Federal do Pará

JUVENTUDE PESCADORA DE CAMETÁ-PA: QUESTÕES CONCEITUAIS, DE CLASSE E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DO SER JOVEM NA AMAZONIA^[1]

RESUMO: Discutimos aqui como o “ser jovem” está a se materializar para um conjunto de sujeitos que hoje produzem suas existências a partir do trabalho da pesca no município de Cametá-Pa, Amazônia, Brasil. Referenciado no materialismo histórico-dialético e aplicando entrevistas semiestruturadas, destacamos as negações, contradições e lutas que medeiam a construção e vivência do “ser jovem” para sujeitos que estão na faixa etária entre 15 e 25 anos. Concluímos que os jovens pescadores de Cametá vivem esse momento não de maneira plena e socialmente realizável, mas sim truncada, e, não raras vezes protelada, mas que, contudo, também resistem e lutam contra as negações que são por eles vividas, mostrando também uma clara compreensão da realidade contraditória da qual fazem parte.

Palavras-chave: Juventude Pescadora. Classe Social. Processo de Construção e vivência do ser Jovem.

1. INTRODUÇÃO

Se é verdade que nos últimos anos o processo de expansão do capital tem provocado no mundo grandes transformações em âmbito social, político, econômico e cultural, (BOGO, 2010), também não é menos verdade que tais transformações vêm acompanhadas cada vez mais de um reducionismo e obscurantismo no que tange a compreensão dos conceitos de homem e suas fases de desenvolvimento histórico-humano – infância, juventude, idade adulta e velhice.

Um exemplo do que aqui inicialmente estamos sinalizando é quando tomamos a fase que compreende a juventude^[2] como objeto de análise e investigação e tentamos, em função dessa, conceituá-la. Quando fazemos isso, geralmente a definição mais imediata e corriqueira que encontramos quase sempre parte do pressuposto de que “[...] a entrada da juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações de ordem biológicas, psicológicas e de inserção social” (DAYREL & GOMES, 1999, p. 3).

É visto dessa maneira que advogamos que a definição acima estaria a assumir uma visão singular^[3] e até mesmo reducionista do que é ser jovem hoje, pois, consideraria juventude apenas como uma transição para a vida adulta na qual as transformações de ordem físicas, biológicas e psicológicas seriam os pontos centrais que identificariam essa fase da vida. Nesse sentido, a juventude compreenderia apenas aqueles sujeitos que, entre outras características, teriam em comum: a faixa etária, o fato de ainda residirem com os pais, estarem numa fase escolar que compreende o ensino médio, etc.

Por outro lado, contrária a essa compreensão mais comum e imediatista a que acabamos de nos referir, encontramos uma outra leitura sobre a definição da categoria juventude, uma definição que tomada a partir de uma perspectiva de classe, compreende a juventude não como sendo apenas uma fase marcada “[...] por transformações de ordem biológicas, psicológicas e de inserção social” (DAYREL & GOMES, 1999, p. 3), mas sim, *uma construção histórica humana-social*, onde os indivíduos que a compõem são assumidos não enquanto resultado de abstrações, mas sim como sujeitos sociais concretos que apesar de demarcados por contradições e negações de diversas ordens vão se constituindo enquanto detentores de direitos e deveres diante de uma sociedade cindida em classe (FRIGOTTO, 2011).

Assim, quando vista a partir de uma perspectiva de classe, a juventude aparece não mais enquanto uma singularidade, mas sim expressão plural, que, marcada principalmente pelas lutas e contradições de uma materialidade de vida produzida a partir de uma sociedade desigual, compreende um conjunto de sujeitos de relações históricas e sociais, que tendo suas vidas afetadas diretamente pelas condições e contradições de uma sociedade classista, não aceitam o conformismo e a passividade como imposição, o que lhes permite projetar-se para um sempre desafio de lutarem por seus interesses, constituindo-se assim em “sujeitos de potencial rebeldia e contestação” (FRIGOTTO, 2009), o que vai nos permitindo entender esse momento da vida não enquanto transitoriedade, mas sim, *processo em construção*.

É entendendo a juventude enquanto processo em construção que no presente texto buscamos, a partir de um recorte de classe, demarcar a perspectiva por nós assumida para a análise e compreensão do que seja o ser jovem e, a partir daí, buscar problematizar como esse momento de construção humano social está a se dá para um conjunto de sujeitos que hoje, inseridos no interior da Amazônia, produzem suas existências a partir do trabalho da pesca.

Para isso, assumimos como base epistemológica o materialismo histórico dialético (MARX, 2008) tomando como sujeitos intervenientes dessa pesquisa, jovens pertencentes à classe trabalhadora, em destaque aqui, aqueles que, atuando no âmbito do trabalho da pesca artesanal no município de Cametá^[4], Nordeste do Estado do Pará, Amazônia, Brasil, produzem suas existências mediados pelo trabalho, a partir do intercâmbio que estabelecem cotidianamente com

os meios materiais que no movimento real e contraditório da realidade, vai lhes constituindo quem são e a partir de que se reconhecem.

Buscando fazer uma articulação entre o local e o universal, aqui também nos utilizamos de um conjunto de dados empíricos obtidos por meio da aplicação de entrevista semiestruturada (THIOLENT, 1985) junto a 06 jovens^[5] que se mantêm ligados com o trabalho da pesca, sendo esses dados considerados a partir da análise de conteúdo^[6] (FRANCO, 2007; MINAYO, 2012).

Estruturalmente, organizamos esse texto em duas seções: na primeira buscamos fazer uma discussão da juventude à luz da perspectiva de classe. Aqui, revisitamos a categoria juventude assumindo essa não enquanto uma mera transição para a vida adulta, por tanto, uma abstração, mas sim como sendo um processo em construção que no movimento histórico-social vai permitindo aos sujeitos, que nesse momento da vida se encontram, se constituírem enquanto jovens a partir de um conjunto de relações que são por eles produzidas e vivenciadas.

Pari-passu às discussões traçadas na primeira seção desenvolvemos a segunda onde tratamos especificamente do processo de construção e vivência do ser jovem para um conjunto de sujeitos trabalhadores da pesca. Nessa seção, a partir das entrevistas feitas junto a alguns sujeitos, realizamos algumas descrições e análise buscamos compreender como os interlocutores da presente pesquisa compreendem e vivem o ser jovem e como esse momento humano histórico-social vai se constituindo a partir de um intercâmbio do qual hoje estão a participar tantos outros sujeitos jovens, como também fatores relacionados à família, às perspectivas de melhores oportunidades na vida, à comunidade da qual participam, etc. Por fim, expomos nossas considerações finais.

2. JUVENTUDE: UMA BREVE ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE CLASSE

Ao elencarmos a categoria juventude como objeto de estudo, uma primeira ordem de questão que se apresentou foi: a partir de que perspectiva teórico-epistemológica está se partindo para se tentar entender essa categoria? Tal questão foi colocada principalmente porque na perspectiva das correntes teóricas do conhecimento, essa categoria se apresenta sob o viés de “[...] duas grandes linhas de construção filosófica: [...] uma metafísica e outra dialética materialista^[7]” (FRIGOTTO, 2010, p. 80).

Do ponto de vista da concepção metafísica, a juventude é encarada como sendo “[...] relacionada à ideia de ‘amadurecimento biológico, numa cronologia determinada’ [...] [caracterizando-se como sendo] apenas uma fase de ‘transição para a vida adulta’ e de ‘aquisição de experiência’” (SILVA, J., 2012, p. 164). Já sob a orientação da concepção dialética materialista, a categoria juventude é apresentada “[...] não como uma abstração, mas como sujeitos sociais concretos [...] ainda que demarcados pela cisão e fração de classe” (FRIGOTTO, 2011, p. 99).

No âmbito da primeira definição (metafísica), a compreensão que se estabelece sobre juventude se sustenta na defesa de que essa fase da vida se apresenta como sendo “[...] algo de certa maneira estável e bem definido” (SILVA, J., 2012, p. 164), uma estabilidade e uma definição que são garantidos principalmente pelas instituições família, escola e trabalho. Contudo, há de se considerar que essa estabilidade, definitivamente, estar em crise, uma vez que

Hoje vemos o surgimento de novas formas de família, o esgotamento da ilusão da ascensão social por meio da educação e do pleno emprego, bem como a emergência de novos atores reivindicando políticas específicas etc. Essa relativização da cultura do emprego e do salário vem transformando a transição linear, simétrica e ordenada para a vida adulta (marcada pelo circuito família-escola-trabalho), num circuito mais prolongado, indeterminado e descontinuo, tanto para os jovens, quanto para os adultos. (SILVA, J., 2012, p. 164-165).

Nesse sentido, tomar a juventude enquanto uma fase fixa e consolidável da vida é entender essa como sendo o produto de abstrações onde o ser jovem é entendido apenas como um fenômeno de transição para a vida adulta, o que, por sua vez, não permite se pensar e ver esses sujeitos enquanto construtores de suas próprias histórias e protagonistas de suas relações, isso porque, quando colocados a partir dessa perspectiva (a perspectiva de que são construtores de suas próprias histórias e protagonistas de suas relações), esses jovens passam a ser entendidos não mais enquanto sujeitos abstratos e passivos diante da realidade por eles experimentada, mais sim como sujeitos concretos, históricos, políticos, contestadores da realidade, sujeitos marcados por diferentes transformações físicas e biológicas, mas também, ético, político e social (ARAUJO & ALVES, 2013).

É à luz dessa compreensão que aqui defendemos que a juventude, longe de ser um tema de fácil conceituação, é, desde o início, um assunto complexo e controverso e

Esta complexidade e esta controvérsia têm início com a dificuldade de ter-se um conceito unívoco de juventude, tanto por razões históricas quanto sociais e culturais. Assim, é necessário, de imediato, não tomá-la de forma rígida. Mais adequado seria, talvez, falar, como vários autores indicam, em juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social. [Isso porque] ao optarmos por essa compreensão, podemos levar em conta particularidades e até aspectos singulares sem cair numa perspectiva atomizada (FRIGOTTO, 2004, p. 1).

Assim, o que aqui passamos a defender é que a juventude hoje, e mais ainda a juventude da classe trabalhadora, é composta por sujeitos de construções históricas sociais reais, pois vivem a materialidade prática do cotidiano que em uma relação contraditória lhes constitui enquanto indivíduos dinâmicos e contestadores da realidade por eles experimentada, desenvolvendo-se assim enquanto seres humanizados que não assumem uma única maneira de ser jovem, mas que pelo contrário, se apresentam enquanto sujeitos constituídos por múltiplas dimensões, que dependendo das situações concretas, são por eles assumidas.

Mas se por um lado a juventude em sua concretude é um fenômeno dinâmico, sendo os jovens sujeitos construtores de

suas próprias histórias, por outro, isso nos leva a não omitir o fato de que a juventude de forma geral e mais ainda a juventude da classe trabalhadora, a despeito dos mandos e desmandos do sistema capital, é o seguimento, entre outros, que mais tem sofrido com as ações perversas e desumanas desse sistema. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm (2000), os reflexos dessa perversidade e desumanização, entre outros, se expressa principalmente pela profunda despolitização e alienação pela qual hoje vêm passando os jovens. Como afirma esse historiador, “A despolitização dos jovens é um dos problemas mais óbvios e complexo de nossa época. Não é nada claro qual será o papel dos jovens na política do século XXI” (HOBSBAWM, 2000, p. 117).

Diante disso, buscar compreender a juventude da classe trabalhadora, e, mais especificamente a juventude pescadora, à luz das mazelas e descasos produzidos pelo modo de produção capitalista, é condição necessária para se entender esse momento histórico-social da vida humana a partir de uma perspectiva não romantizada. Isso porque, se para os jovens de classe burguesa [8], viver a juventude em sua plenitude está cada vez mais difícil, para os jovens da classe trabalhadora e, mais ainda, para os jovens pertencentes ao grupo social dos pescadores, que constroem suas vidas cotidianamente as margens dos rios, ou seja, em contextos diferentes dos jovens urbanos; viver a materialidade do ser jovem se torna ainda mais penoso e angustiante, pois “[...] os dilemas que as pessoas nesta faixa etária enfrentam, no caso da Amazônia Tocantina, com agravantes significativos, como [...] as precárias condições de vida e a falta de escolas que absorva a todos nesta fase de sua formação [...]” (SILVA, G., 2013, p. 81) os colocam em uma condição de vida ainda mais crítica e desumana, como se pode depender a partir do que nos coloca o Jovem (F. F. N, 23 anos [9]) quando em diálogo conosco sobre os descasos que vivem os jovens que sobrevivem da pesca nas ilhas que circundam o município de Cametá:

Nós aqui temos que lhe dá com a falta de muitas coisas. Ser jovem, morador de ilha, não é fácil. Aqui quase sempre falta tudo, no inverno então, é pior, aí a gente tem que ir se “virando”, improvisando e levando a vida. Ser jovem na Amazônia é isso.

É nesse sentido que, ignorar que os jovens pescadores são sujeitos de relação de classes, significa não levar em consideração que esses são sujeitos produtores das interações sociais, e mais que isso, são produtos dessas interações. Dessa forma, suas origens, suas raízes e cultura são resultantes de um processo histórico que a partir de um movimento real e concreto vem se desenvolvendo mostrando que esses sujeitos, a partir de suas práticas pesqueiras, também são produtores da histórias, e que, portanto, não podem ser vistos e entendidos apenas na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um ‘vir a ser’ tendo no futuro na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente, mas que são sim sujeitos de podem modificar a história e lutar por uma outra materialidade de vida para além daquela que hoje lhes reservada o modo de produção capitalista.

3. JUVENTUDE PESCADORA DE CAMETÁ-Pa: NEGAÇÕES, CONTRADIÇÕES E LUTA NO MOVIMENTO DE CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DO “SER JOVEM” NO INTERIOR DA AMAZÔNIA TOCANTINA

Ser jovem; ter que ajudar no sustento da casa com o trabalho da pesca; morar na ilha, que apesar de ser um lugar muito bom de se viver, tem as suas dificuldades por falta de assistência pública, é penoso e angustiante!

(R. C. B, 25 anos)

Tratando-se especificamente dos jovens pertencentes ao grupo social dos pescadores, viver a materialidade da juventude é penoso e angustiante, como nos relata, na epígrafe acima, o jovem pescador (R. C. B, 25 anos), porque além de estarem imersos em uma realidade tipicamente interiorana onde o “[...] Estado, não raras vezes, se abstém de atuar com propriedade” (RODRIGUES, 2012b, p. 16), também têm de construir a materialidade de suas vidas a partir da entrada precoce no mundo do trabalho, o que faz com que tenham que encurtar a infância e adiantar a fase adulta. Nesse sentido, significativas são as afirmações que o jovem B.G. J (24 anos) faz quando nos coloca que:

Pro jovem que mora no interior, hoje as dificuldades são muito grande. Pra nós, tudo é mais difícil. Nossa lida no trabalho da pesca começa cedo, desde sete, oito anos, porque na ilha é assim, cedo a gente aprende as dificuldades da vida [...], cedo a gente aprende que tem que se virar, “tem que ser adulto” [...] e também cedo a gente percebe que não dá pra ficar imaginando como vai ser o amanhã, assim, o futuro, o negócio é ir à luta! É assim que a gente vai vivendo. Não tem como esperar chegar uma idade “X”, por exemplo, para ir trabalhar. Pra nós, começou a aprender a remar (risos), a gente já vai com o pai, com o tio botar malhadeira [10] pra pegar o peixe.

Partindo do que expôs acima o jovem B.G. J (24 anos), o que aqui nos chama a atenção é que os jovens pescadores não estão a viver a plenitude do ser jovem hoje, mas pelo contrário, marcados pela negação das condições materiais mínimas necessárias para que possam adquirir os elementos indispensáveis para desenvolverem-se, e, assim, poderem fazer suas próprias escolhas, planejar futuro, têm de muito cedo enfrentar o trabalho da pesca entendendo que “[...] não dá pra ficar imaginando como vai ser o amanhã, assim, o futuro, o negócio é ir à luta!” (Idem).

Do ponto de vista das contradições capital-trabalho, a fala do informante B.G. J (24 anos) revela que no município de Cametá-Pa, aqueles jovens que hoje estão a produzir suas existências às margens dos rios mediados pelo trabalho da pesca,

[...] sob o capitalismo, [...] estão cindidos por relações sociais estruturalmente desiguais - relações de classe - que condicionam o acesso aos bens vitais ou à reprodução da vida biológica, social, cultural e educacional. [...]. Entretanto, mantidas as clivagens de classe [...], um aspecto, mesmo que diverso em sua natureza atinge [essa] juventude em sua dimensão geracional: um tempo de um capitalismo que lhes interdita o futuro ou produz uma existência social truncada e em suspenso (FRIGOTTO, 2011, p. 99-100).

Partindo do que afirma Frigotto (2011), e ainda considerando a fala de um outro sujeito, o jovem F.F. N (23 anos) que afirma que “[...] hoje eu sei que como jovem eu tenho que lutar para conquistar os meus direito, porque é como dizem, a nossa vitória na vida depende de muita luta [...]”, é que asseveramos que, ignorar que os jovens pescadores são sujeitos

que constroem suas próprias histórias, significa não levar em consideração que esses (os jovens pescadores) são produtores de interações sociais, e mais que isso, são produtos dessas interações.

Em outras palavras, a juventude que aqui estamos a descrever e analisar é constituída de sujeitos que dialeticamente assumem o protagonismo da produção de suas existências, o que os conduz a mudarem, ou seja, a buscarem desenvolver posturas e atitudes que no movimento histórico social de luta e defesa de uma vida mais digna, vai lhes transformando e possibilitando viverem o ser jovem não apenas enquanto um processo de transição, como outrora aqui nesse texto já colocamos, mas sim enquanto um movimento de construção humano-social de preparação para o desenvolvimento de uma vida adulta ideologicamente crítica, socialmente madura e politicamente esclarecida. Nesse sentido, profícua são as colocações que o jovem (R. C. B, 20 anos) aqui faz quando indagado sobre a compreensão do conceito de juventude para aqueles que hoje assumem a pesca como trabalho:

Juventude pra nós é também um momento que vai nos ajudar a ser no futuro uma pessoa diferente, como eu posso te dizer [...], é na juventude que a gente também aprende alguns valores, algumas ideias [...], ideias assim, sobre a vida, sobre a nossa sociedade, que com certeza vão ser importantes para quando a gente ser adulto. Eu até te digo que é na juventude que nós criamos uma compreensão melhor do mundo, uma compreensão assim, mais crítica, que nos ajuda a entender que as coisas não são "dadas" pra gente e que é preciso muita luta, é preciso se unir, como o meu pai diz, que nós pescadores precisamos nos unir porque só assim é que nós vamos conseguir melhorar a vida de todo mundo que pesca [...]. A união faz a força [...]. A juventude pra mim é isso, é momento de aprendizado para a vida toda!

Tomando o exposto acima, o que aqui também é válido ressaltar é que à luz de uma sociedade cindida em classes, os jovens aqui pesquisados são sujeitos socialmente produzidos, tendo no jogo das relações sociais, que são construídas no contexto de suas vidas prático-cotidianas, suas influências maiores. Dito de outra forma, o conjunto de sujeitos que compõe a juventude pescadora, por serem socialmente construídos, não podem ser considerados apenas como receptores de influências externas, como se em passividade estivessem permanentemente diante de uma realidade contraditória como a capitalista, isso porque, os jovens pescadores, aos moldes da lei da dialética, unidade e luta dos contrários (TRIVIÑOS, 1987), ao mesmo tempo em que se unificam, pois se veem enquanto jovens, agem enquanto jovens, vivem enquanto jovens, também, no movimento histórico-social, se opõem, contestando e se rebelando contra as ações do capital que nega seu modo peculiar pescador amazônida de ser jovem.

Eu vejo assim [...], o jovem do interior ele não é só aquele que imita, que reproduz o que o outro faz, por exemplo, imita outro jovem da cidade, imita o estilo do jovem da cidade. Ele não é só aquele que recebe influência de fora, vamos dizer assim. O jovem lá do interior ele também tem o costume da comunidade dele, tem a cultura dele, o gosto, tem tudo isso. Mas tem também o outro lado, que é daquele jovem que participa da comunidade[11], da Colônia[12], que luta, que é um jovem que, como dizem por aí, é um jovem mais atento pras coisas, [...] que tá antenado pros seus direitos, que vai à luta [...] (L. R. C, 22 anos).

Tomando a fala acima expressa por L. R. C (22 anos) concordamos com Frigotto (2004, p. 181) quando esse afirma que, não há como negar que

Os jovens a que nos referimos nessa análise têm "rosto definido". Pertence à classe ou fração de classe de filhos de trabalhadores [...] que produzem a vida de forma precária por conta própria, no campo e [...] em regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas.

Os jovens trabalhadores da pesca constroem sua juventude a partir de uma gama de relações que estabelecem ora com seus pares, ora com a natureza, ora com a sua religião, ora com a cultura, enfim, com as mais diversas situações e pessoas que fazem parte de suas relações pessoais e impessoais. Sendo assim, a juventude para os que hoje estão na faixa etária entre 15 e 25 anos e produzem às margens dos rios suas vidas a partir de um conjunto de relações com o universo da pesca, é momento de construção biológica e histórica-social, que não pode ser encarada e entendida como desprovida de ações concretas carregadas de objetividade e subjetividade que, de forma direta e indireta, formam e determinam a vida e a humanização desses sujeitos. Assim, válidas são as colocações feitas E.P. F (23 anos) quando afirma que

[...] também tem outra coisa, a gente que é jovem, a gente tem muita coisa assim da gente, dessa fase da nossa vida, que vem do nosso meio, [...] da influência que, que a gente vive no dia a dia. Na influência assim com os outros que são da nossa idade, com a comunidade que tem o grupo de jovem que a gente participa, com as próprias pessoas que vivem perto da gente, da nossa família.

Pelo exposto do jovem E.P. F (23 anos) pode-se afirmar que a fase da vida conhecida como juventude, vivenciada hoje por um conjunto considerável de sujeitos que compõe o grupo social dos pescadores, representa um momento de construção humano social que alicerçada em bases concretas determinam nesses sujeitos dimensões ético, político, sociais e culturais que vai lhes permitindo constituírem-se enquanto uma pluralidade de sujeitos determinados por um modo peculiar de vida, o interiorano, que na dinâmica concreta do cotidiano lhes possibilita formar e estabelecer as bases que dialeticamente vai lhes definindo no presente quem serão, como viverão, e como construirão suas relações enquanto sujeitos humanizados que são.

É nesse sentido que na reflexão aqui exposta, consideramos a juventude pescadora no contexto das contradições sociais na qual estão inseridos, pois entendemos que os jovens que vivem do trabalho da pesca estão tendo sua vida organizada a partir de uma gama variável de influências[13] que estão conduzindo-os, não raras vezes, para uma construção humano social marcada por múltiplas determinações, quer essas sejam culturais, políticas, ético e sociais, relações essas que na vivência prática do cotidiano vão lhes possibilitando a formação de uma identidade própria do ser jovem hoje enquanto síntese para além das imediatidades, mas sim enquanto um complexo de relações por esses sujeitos experimentados e construídos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos expor como hoje um conjunto de sujeitos que estão a produzir suas existências às margens dos rios, estão a construir o momento histórico-social, aqui compreendido como juventude, a partir de ações materiais as mais diversas sustentadas principalmente pela compreensão e busca necessária da transformação da realidade (KOSIK, 2002).

Assim, assumindo a constituição do ser jovem a partir de um recorte de classe, o que aqui buscamos defender foi a ideia de que a juventude, para uma parcela significativa dos jovens que hoje se encontra envolvida com o trabalho da pesca em Cametá-Pa, não está a ser vivenciada e, portanto, construída, a partir de relações sustentadas na passividade, mas que ao contrário, está sendo edificada sim a partir de um movimento real de luta, contradições e aprendizados que são estabelecidas cotidianamente por esses sujeitos e o mundo material que os rodeia.

Analisado pela perspectiva de uma construção que se dá a partir de um movimento histórico-social pautado na luta e busca pelo desenvolvimento de potencialidades, o ser jovem para os pescadores, mas não só para esses, não pode ser simplesmente definida como uma passagem de um momento a outro na vida humana, isso porque, para além de uma simples fase a ser completada por homens e mulheres em seus desenvolvimentos históricos, a juventude é um processo em construção no qual, entre outros, estão envolvidos, o desenvolvimento biológico e cultural, mas também, o ético, o político e o social.

Sendo assim, analisar o processo histórico-social de constituição do ser jovem para os sujeitos que hoje se relacionam com a atividade da pesca significa compreender que esses sujeitos não estão a construir a materialidade de suas juventudes como se alheios estivessem às suas próprias relações sociais, isso porque, do ponto de vista de suas sociabilidades, são sujeitos reais que movidos por suas necessidades vão estabelecendo relações outras, ora com seus pares, ora com o coletivo de sujeitos que compõe a comunidade na qual participam, na sempre busca pela construção de condições objetivas que lhes permita viver a materialidade do presente na sempre perspectiva de construção de bases reais para o futuro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo Marcus de Lima; ALVES, João Paulo da Conceição. Juventude, trabalho e educação: questões de diversidade e classe das juventudes na Amazônia. In: **VI Seminário Luso-brasileiro educação, trabalho e movimentos sociais**. 2013, Lisboa. Atas... Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013. p, 246- 258.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classe**. 2ª ed.- São Paulo: expressão popular, 2010.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil. **Serviço Social da Indústria (SESI)**, n. 30, 25-39, 1999. Disponível em: http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf. Acessado em: 09 nov de 2014.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação: o presente e o futuro interditados ou em suspenso. In: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Liber Livro e Editora UFF, 2011.

_____. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. 9.ed- São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2010.

_____. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.) **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação, p.180-216. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IBGE. Contagem da População 2007. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

JUVENTUDE com vida provisória e em suspenso. Direção de Lara Frigotto. Coordenação de Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: Arissas multimídias, 2009. 1 DVD (49min 16s), Ntsc, son., color.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. Saberes do trabalho da pesca e identidade de juventude do município de Cametá - Nordeste da Amazônia paraense. **Projeto de pesquisa aprovado no Conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico- CNPQ**. Cametá-Pará, 2012a.

_____. **Saberes Sociais e luta de classes: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 - Cametá/Pará**. Belém, PA, 2012b.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; SILVA, Gilmar Pereira da. Saberes do trabalho da pesca de jovens ribeirinhos no Município de Cametá-Pará-Brasil: questões de Identidade e formação do trabalho. In: **XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste**. 2014, Natal- RN. Anais...Natal- RN: XXII EPEN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação/ Natal, 2014.

SILVA, Gilmar Pereira da. **Políticas de Formação, Currículo e Trabalho para a Juventude do Campo na Amazônia** : Construindo Indicadores de Qualidade para o Ensino Médio do Campo, na Microrregião de Cametá/Estado do Pará. Cametá, 2013 (PROJETO DE PESQUISA CNPq).

SILVA, Jamerson Antônio de Almeida da. As especificidades das políticas de qualificação profissional para a juventude. In: OLIVEIRA, Ramon de (Org.). **Jovens, ensino médio e educação profissional**: políticas públicas em debate. Campinas,

SP: Papirus, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1985.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Social**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

[1] O texto em questão é um recorte da dissertação "JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artisanais Z- 16 de Cametá-Pará", defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), Universidade Federal do Pará.

[2] Nessa pesquisa juventude é tomada não como uma mera fase de desenvolvimento do homem, mas como uma construção humana histórico-social na qual as relações políticas, econômicas, culturais e sociais são bases reais e, portanto, constituem e são constituintes dessa fase da vida (FRIGOTTO, 2009; ARAUJO & ALVES, 2013).

[3] Segundo Frigotto (2011, p. 99) "Juventude no singular apenas existe enquanto definição geracional para caracterizar a população entre 16 e 29 anos de um país ou determinada região".

[4] O município de Cametá, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010), pertence à mesorregião do nordeste paraense e à microrregião Cametá, apresentando uma área correspondente a 3.122 km². Ainda segundo o (IBGE, 2010), o município apresenta uma população de 120.896 habitantes, dos quais 52.838 encontram-se na zona urbana e 68.058 na zona rural. Trata-se de um município com contingente rural maior do que o urbano (RODRIGUES & SILVA, 2014, p. 1).

[5] Esses foram selecionados a partir de três critérios: a idade entre 15 e 25 anos, que é a idade, segundo o IBGE, em que se encontram aqueles sujeitos que são considerados jovens; a ligação com o mundo do trabalho da pesca por meio do exercício desse; e, por fim, a atuação desses sujeitos em movimentos sociais, tais como: comunidades cristãs, sindicatos, colônia de Pescadores, etc.

[6] Consideramos neste texto a análise de conteúdo na perspectiva de Franco (2007) por sustentar que esse é um método de pesquisa que, entre outros aspectos, conta com o tratamento e análise de entrevistas e relatos orais dos entrevistados. Consideramos também na perspectiva de Minayo (2012), porque preconiza um tratamento diferenciado para a organização e sistematização dos dados, orientando que esses sigam as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Essas fases foram seguidas durante o tratamento dos dados usados na presente pesquisa.

[7] A primeira concepção, que "reúne visões metafísicas de todas as matrizes", parte de uma compreensão organicista e fiscalista da realidade social, das ideias e do pensamento [...]. Por esta perspectiva, ainda que com diferenças significativas de complexidade e alcance, incluem-se as abordagens empiristas, positivistas, idealistas, ecléticas e estruturalistas [...]. A segunda perspectiva - materialista histórica - funda-se na concepção de que o pensamento, as ideias são "o reflexo", no plano da organização nervosa superior, das realidades e leis dos processos que se passam no mundo exterior, os quais não dependem do pensamento, têm suas leis específicas as únicas reais, de modo que só compete à reflexão racional apoderar-se das determinações existentes entre as próprias coisas e dar-lhes expressões abstratas, universalizadas, que corresponde ao que se chamará então de "ideias" e "proposições" (FRIGOTTO, 2010, p. 80, 81, 82).

[8] Segundo Frigotto (2004, p. 2), os jovens pobres sentem-se "infelizes" por não poderem usufruir as promessas do consumismo e os filhos da burguesia por serem levados a um estado de permanente insatisfação com o que consomem. Tomando-se a questão do futuro de jovens filhos de pais com altos salários - gerentes, executivos de grandes empresas (funcionários do capital) -, no contexto de crise do sistema capitalista encontramos problemas que, embora de outra natureza em relação aos jovens de classe trabalhadora, os torna "infelizes".

[9] Para efeito de preservação de face pública dos informantes, nesta pesquisa vamos nos utilizar tão somente das iniciais de seus nomes e da idade que lhes correspondem.

[10] Rede utilizada pelos pecadores em Cametá-Pa para a captura do pescado.

[11] Comunidade está fazendo referência aqui a uma organização que ligada à igreja católica e se fazendo presente nas localidades distantes (as ilhas) dos centros urbanos onde se localizam as paróquias e arqui-dioceses cristãs, assume o papel de organizar, coordenar e conduzir os trabalhos da igreja católica naqueles locais.

[12] Embora o termo Colônia possa suscitar a imagem de um coletivo de pescadores vivendo da pesca à margem de um rio, a Colônia de Pescadores Artisanais Z-16 se constitui na entidade representativa de classe desses sujeitos, reunindo 15.000 associados de diferentes comunidades do município cametaense. Sua fundação data de 1923. Segundo Moraes (2002), a letra Z refere-se à Zona de Pesca e o número 16 indica ser esta Colônia a décima sexta criada no Estado do Pará. Para Costa (2006, p. 153), a Colônia Z-16 se constitui em organização política importante para o alcance dos interesses dos trabalhadores na região em que se encontra o município de Cametá: "Diante das duras condições sociais e econômicas, o campesinato regional vem se organizando e a força com a qual os trabalhadores têm conseguido intervir na vida política da região é fruto de um razoável capital social acumulado na construção histórica de fortes instrumentos de luta e enfrentamento com setores oligárquicos tradicionais. Organismos de classe como a Colônia de Pescadores Z-16, fundada ainda na década de 1920 e o STR que data dos anos 1960, bem como uma rede de associações, no decorrer desses anos vêm impulsionando mudanças qualitativas no que se refere à organização de sua base social, conquista de créditos e financiamento de projetos agrícolas e ambientais, bem como vitórias eleitorais sobre antigas e tradicionais oligarquias" (RODRIGUES, 2012a, p. 31).

[13] Entre as várias influências podemos citar as advindas do mundo do trabalho, da escola, da comunidade a qual pertencem, da igreja, etc.